

PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Renata da Fonte (PROLING/UFPB)
renataflfonte@gmail.com

RESUMO: Este artigo centra-se no estudo desenvolvido por De Lemos sobre os processos metafóricos e metonímicos, o qual é estudado para compreender as mudanças na relação da criança com a língua na aquisição da linguagem. A autora investiga esses processos com base na Linguística, por meio da releitura de Saussure e Jakobson, e na Psicanálise através da leitura de Lacan. De Lemos aplica as idéias desses processos na análise dos fragmentos discursivos referentes à fala da criança em processo de aquisição de linguagem. Daí, a necessidade de descrevermos e estudarmos esses processos para a compreensão da aquisição da linguagem da criança.

PALAVRAS-CHAVE: processos metafóricos e metonímicos; criança; aquisição da linguagem.

ABSTRACT : This article is centered in the study developed by De Lemos about the metaphoric and metonymy processes, which are studied to understand the changes in the relation of the child with the language in the language acquisition. The author investigates these processes on the basis of the Linguistics, by means of the rereading of Saussure and Jakobson, and in the Psychoanalysis through the reading of Lacan. De Lemos applies the ideas of these processes in the analysis of fragments discursivos regarding to speaks of the child in process of acquisition of language. From there, the necessity to describe and study these processes for the understanding of the child language acquisition.

KEYWORD: metaphoric and metonymy processes; child; language acquisition.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos percorrer o estudo realizado por De Lemos a respeito do estatuto descritivo e explicativo dos processos metafóricos e metonímicos, retomados e reelaborados pela autora a partir de sua leitura de Lacan como modos de emergência do sujeito na cadeia significante. De Lemos (1992, 1995, 1999a, 2002), inspirada em leituras de Lacan e na releitura de Saussure e Jakobson utiliza o estatuto desses processos para compreender as mudanças na relação da criança com a língua materna no percurso de sua constituição como falante, ou seja, na aquisição de linguagem.

Dessa forma, antes de remetermos a esse novo enfoque atribuído aos processos metafóricos e metonímicos, por De Lemos, é pertinente voltarmos a sua origem, a qual tem relação com os teóricos que inspiraram de certa forma a autora estudar os processos referidos acima. Tal relação subtende que os processos foram estudados por duas áreas de saber distintas, a Linguística e a Psicanálise.

1. PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NO CAMPO LINGUÍSTICO

Jakobson (1985), estudioso inserido no campo linguístico, particularmente no estruturalismo europeu, utiliza a metáfora e a metonímia, figuras de estilo de linguagem presentes na retórica clássica, atribuindo-lhes um novo enfoque. Considerando-as como constitutivas do movimento linguístico e como possível explicação para as afasias. Por outro lado, Saussure, também pertencente ao estruturalismo europeu, apesar de não falar em metáfora e metonímia, como analisadas por Jakobson, trata dos movimentos do signo dentro do sistema, de forma semelhante aos processos metafóricos e metonímicos, estudados por Jakobson. Assim, anteriormente a Jakobson, a idéia subjacente a metáfora e a metonímia para explicar o funcionamento da língua foi estudada por Saussure, através das relações associativas e sintagmáticas. O que pode ser observado no próprio CLG, no qual de acordo com as idéias de Saussure (1995), os eixos dessas relações correspondem às duas formas de atividade mental humana, as quais são indispensáveis ao funcionamento da língua.

As relações associativas, também conhecidas como paradigmáticas, associam-se na memória e ocorrem fora do discurso, formando grupos dentro dos quais prevalecem relações muito diversas. Essas relações unem termos ausentes na cadeia discursiva, sendo conhecidas como “relações *in absentia*” (SAUSSURE, 1995).

As relações sintagmáticas resultam do encadeamento de termos no discurso e estão baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois termos simultaneamente, os mesmos encontram-se alinhados um após o outro na cadeia da fala. Esse tipo de relação se estabelece entre dois ou mais termos presentes no discurso, por isso são denominadas de “relações *in praesentia*” (SAUSSURE, 1995).

Assim partindo da idéia de Saussure a respeito das relações associativas e sintagmáticas, Jakobson reinterpreta e renomeia essas relações a partir das figuras de linguagem existentes na retórica clássica, metáfora e metonímia respectivamente, daí o surgimento dos termos: processos metafóricos e metonímicos.

Segundo Jakobson (1985), o processo metafórico tem como característica a similaridade, isto é, envolve a seleção e a substituição, as quais são duas faces de uma mesma operação. Nesse contexto, é possível substituir um termo por outro equivalente em um aspecto e diferente em outro, graças à seleção entre termos alternativos. Já o processo metonímico apresenta como característica a contiguidade, o que indica que envolve a combinação e o contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística complexa.

A discussão realizada por Jakobson acerca dos processos metafóricos e metonímicos girou em torno da questão dos distúrbios da fala, ou melhor, da afasia, daí a relevância de tocarmos nesta questão.

De acordo com Jakobson (1985), os distúrbios da fala podem afetar a capacidade de combinar e selecionar/substituir as unidades linguísticas e para saber qual das duas operações é principalmente afetada, é importante descrever, analisar e classificar as diferentes formas de afasia.

Jakobson (1985) propõe dois tipos de afasia: distúrbio da similaridade (tradicionalmente conhecido como afasia de recepção) e distúrbio da contiguidade (conhecido como afasia de emissão). No primeiro, a capacidade de seleção e substituição é fortemente afetada e o poder de combinação encontra-se pelo menos parcialmente preservado, assim, neste distúrbio, a contiguidade determina todo o comportamento verbal do afásico. Enquanto que no distúrbio da contiguidade ocorre o inverso.

De Lemos (1999b) aponta que Jakobson, ao teorizar sobre os processos metafóricos e metonímicos com o intuito de dar conta dos distúrbios afásicos, avança no sentido de incluir o falante no funcionamento do código, ainda que por via de uma lesão orgânica.

Apesar de não desconsiderar a existência de uma lesão orgânica, a discussão realizada por Jakobson (1985) sobre a questão da afasia, distancia-se da visão médica que classifica a afasia de acordo com a localização da lesão orgânica, à medida que esse estudioso considera a afasia como um distúrbio que está na linguagem ou no movimento dos signos no sistema.

Além dos pontos levantados com base no estudo de Jakobson (1985), vale mencionar que o autor em seu texto, intitulado *Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de afasia* faz de passagem uma relação entre os campos Lingüístico e Psicanalítico, ao apontar a relação da similaridade (do processo metafórico) e da contiguidade (do processo metonímico) com a estrutura dos sonhos estudada por Freud. Seguindo esta idéia de Jakobson, Lacan estuda a relação entre os dois campos com mais profundidade. É o que veremos a seguir.

2. PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NO CAMPO PSICANALÍTICO

Lacan, teórico de formação psicanalítica, sob uma óptica diferenciada de Jakobson, contribuiu para os estudos acerca dos processos metafóricos e metonímicos.

Assim, refletindo sobre as relações acerca dos processos referidos acima, Lacan (2002) aponta que a metáfora e metonímia estão relacionadas com os mecanismos presentes no sonho descobertos por Freud, que é o deslocamento e a condensação. A metonímia estaria para o deslocamento assim como a metáfora estaria para a condensação. Lacan (1998, p. 515) define condensação como:

“a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora”, enquanto que deslocamento é “o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura”.

A estrutura metafórica indica que na substituição do significante pelo significante tem-se a produção do efeito de significação (LACAN, 1998). Nessa estrutura, podemos dizer que na metáfora tem-se acesso ao significante oculto pelo significante novo. Em relação à estrutura metonímia, Lacan (1998) refere que tal estrutura indica que a conexão do significante com o significante permite a elisão por meio da qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto.

Para compreendermos melhor as noções dos processos metafóricos e metonímicos apresentadas por Lacan, as quais são pontos fundamentais da concepção estrutural do inconsciente, percorreremos as reflexões de Joël Dor, leitor de Lacan, que escreveu sobre esses processos na perspectiva psicanalítica lacaniana, no livro - *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem* (1992).

Dor (1992) afirma que a metáfora é tradicionalmente conceituada como uma figura de estilo fundada em relações de similaridade/substituição. Neste contexto, a metáfora é um mecanismo de linguagem presente no eixo associativo/paradigmático, ou seja, o eixo do léxico ou da língua. Assim, a metáfora designa alguma coisa por meio do nome de outra. Dessa forma, no sentido pleno que Lacan elabora, a metáfora é uma substituição significante, cujo caráter demonstra a autonomia do significante em relação ao significado, ou seja, a supremacia do significante, uma vez que é a cadeia dos significantes que governa a rede dos significados. Essa autonomia/supremacia se traduz “por uma *dominação do sujeito pelo*

significante, que o predetermina lá mesmo onde ele crê escapar a toda determinação de uma linguagem que ele pensa controlar” (DOR, op.cit. p. 45).

Em suma, pode-se concluir que o processo metafórico, semelhante ao processo de condensação observado no trabalho do sonho desenvolvido por Freud, é um produtor de sentido, em consequência da transposição da barra de significação, que indica, como afirma o próprio Lacan (1998), a condição da passagem do significante para o significado, o que favorece a emergência da significação.

Podemos pensar que essa transposição da barra de significação implica em uma movimentação da mesma, que permite a passagem do significante para o significado, e que esse deslizamento, por sua vez, favorece o surgimento da significação e consequentemente a produção de sentido.

Dor (1992) menciona que a metonímia é vista como uma figura de estilo originada por um *processo de transferência de denominação* através do qual um objeto é designado por um termo distinto do que lhe é habitualmente próprio; em geral, o essencial é representado pelo acessório, ou seja, o todo pela parte. Porém, esse significante novo dado ao objeto apresenta uma certa ligação com o anterior. Essa transferência é realizada por meio da relação de contigüidade, um significante é “descartado” para dar lugar a outro, aqui diferentemente do que ocorre na metáfora, o significante “descartado” não passa sob a barra de significação. Na metonímia, a manutenção da barra é vista como prova de resistência à significação, à medida que, na perspectiva lacaniana, a metonímia é sempre um não-sentido aparente. Mas há uma característica que aproxima essa figura de estilo da metáfora, uma vez que a metonímia também testemunha em favor da supremacia do significante, pois defende a autonomia dos significantes em relação à rede de significados que eles governam.

Pode-se afirmar que, no processo metonímico, um significante é substituído por um significante novo por uma relação de contigüidade, a qual é evidenciada por associações, mecanismo semelhante ao observado no processo de deslocamento analisado por Freud no estudo do sonho, uma vez que “o deslocamento impõe um material manifesto para designar um material latente em relação de contigüidade com o precedente” (DOR, 1992, p. 57).

3. POSIÇÕES DISCURSIVAS NA RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A LÍNGUA

De Lemos (2002) utiliza a noção dos processos acima descritos para explicar a aquisição da linguagem infantil, ou seja, a trajetória linguística da criança da posição de *infans*¹ a de sujeito falante. Segundo a autora, a partir de substituições (metáforas) e de combinações/contiguidades (metonímias), é possível compreender os movimentos que caracterizam a mudança de posição da criança na língua. Nesses movimentos, a criança passa por três posições distintas enquanto falante, que apresentaremos neste momento.

Na primeira posição, a criança encontra-se circunscrita à fala do outro, ainda não capaz de interpretar a língua, ela especula a fala do outro, sendo dependente dessa fala. O fragmento presente na fala da criança é como um vestígio metonímico das cadeias pelas quais o outro a interpreta. Assim, o pólo dominante é o outro, pois o funcionamento da língua se dá através das relações de significantes deste sujeito (DE LEMOS, 1999a; 2002).

Vale mencionar que, apesar da condição de dependência da criança em relação à fala materna, não se pode dizer que há uma assimilação do tipo reprodutivo em relação aos enunciados do outro, uma vez que há, desde sempre, uma língua em funcionamento, que determinaria um processo de subjetivação, o qual impede que haja uma coincidência entre a fala da criança e a do outro (DE LEMOS, 1999b; 2002).

Para exemplificar melhor essa posição, faremos uso de um episódio dialógico, utilizado pela própria autora em alguns de seus artigos (1997; 1999b; 1999c; 2002, etc).

Episódio 1 (Criança entrega para mãe uma revista tipo Veja)

(legenda: C – criança; M – mãe)

1. C.: ó nenê/o auau
2. M.: Auau? Vamo acha o auau? Ó, a moça ta *tomando banho*
3. C.: *ava? Eva?*
4. M.: É. Tá *lavando* o cabelo. Acho que essa revista não tem *auau* nenhum.
5. C.: *auau*
6. M.: Só tem moça, carro, *telefone*.
7. C.: *Alô?*
8. M.: Alô, quem fala? É a Mariana?

(Mariana 1; 2.15)

¹ Não-falante.

Neste episódio, De Lemos (1999b; 2002) aponta que a relação de contigüidade teceria o diálogo entre criança e mãe, mostrando uma dominância do processo metonímico na fala inicial. Como se pode observar, os fragmentos infantis (*ava? Eva?*), presentes na linha 3, são convocados pela expressão *tomando banho* (linha 2) presente na fala materna, assim como a relação entre *telefone* (linha 6), no enunciado da mãe, e *alô*, na fala da criança sugerem que esta se ancora em fragmentos que fazem parte de outros textos ou cenas nos quais estas relações – *tomando banho/ava eva* e *telefone/alô* – estão presentes. As relações entre esses enunciados falados pela mãe e pela criança apresentam uma não-coincidência, uma vez que vão além da semelhança e os enunciados desta última precisam de uma interpretação do outro para significá-los e para que o diálogo prossiga e tenha coerência. Desse modo, pode-se dizer que essas relações também sugerem uma dependência da criança à fala/interpretação materna.

Além disso, a autora observa que a fala da criança retoma parte dos enunciados utilizados pela mãe como podemos observar, na linha 5, quando a criança diz *auau*, especulando um enunciado da fala materna, esta situação reforça a *dominância do pólo do outro* (DE LEMOS, 1999b; 2002).

Na segunda posição, a criança é um falante submetido ao movimento da língua. Nesse momento, ocorre a entrada do outro/interlocutor no diálogo da criança, no entanto ela se mostra impermeável ao pedido de correção do interlocutor, o que sugere que ainda não é capaz de escutar/reconhecer o próprio erro e a diferença entre sua fala e a fala do outro. Nessa posição, há uma *dominância do funcionamento da língua* (DE LEMOS, 1997; 1999b; 2002).

O *erro* é a característica principal da segunda posição, pois, através dele, a criança (re) significa sua linguagem tendo como referência a fala do outro. O *erro* pode ser visto “como indício de (re) significação pela criança de fragmentos incorporados da fala do outro” (DE LEMOS, 1999b, p. 18). A autora descreve o *erro* como parte integrante da aquisição de linguagem, pois é concebido como marca da singularidade da fala infantil.

“O *erro* na fala da criança, em diferentes momentos de seu percurso como falante, tem seu estatuto determinado pela posição que a criança ocupa em uma estrutura cujos pólos são a língua e o outro” (DE LEMOS, 2000, p. 14).

Abaixo, descreveremos um episódio dialógico utilizado por De Lemos (1997; 1999b; etc) para caracterizar melhor essa segunda posição discursiva.

Episódio 2 (Quando C. faz muito barulho, M. a repreende dizendo que ela vai acordar a vizinha, Flávia, que está dormindo. Durante este episódio, C. brinca com a bola)

1. M.: Esta bola faz muito *barulho*.

2. C.: A Flávia *é nananda*.

3. M.: É, a Flávia *está nanando* e você fica fazendo barulho.

(Mariana: 1;9.15)

Neste episódio, o processo metonímico mostra-se no diálogo através da relação entre *barulho* no enunciado da mãe e o enunciado da criança *A Flávia é nananda*. O “erro” presente neste enunciado, ou seja, a substituição do verbo *está* por *é*, assim como a do gerúndio *nanando* por *nananda*, mostra uma relação com o processo metafórico. Assim, o que aparece como “erro”, isto é, a presença do verbo auxiliar “*ser*” com o gerúndio na forma progressiva e concordância do gerúndio com a forma nominal feminina, resulta de um processo metafórico (DE LEMOS, 1997; 2002). Além disso, é observada a dominância do funcionamento da língua sobre a relação da criança com a fala do outro, a partir do erro, ou seja, da substituição do verbo *ser* em: *é nananda* presente na fala da criança pelo verbo *estar* em: *está nanando*, presente no enunciado do adulto. Esse erro da criança ocorre como diferença em relação aos significantes do adulto. Como vimos, nesta posição, a criança não se desloca em relação à reação do adulto diante do seu erro, não reconhecendo/escutando no enunciado do outro a diferença que o opõe a sua própria fala (DE LEMOS, 1999b). Tal situação irá modificar-se na terceira posição discursiva ocupada pela criança.

Na terceira posição, caracterizando a fase de desaparecimento dos erros, a criança está submetida à língua e à fala do outro. Esse desaparecimento do erro caracteriza o estado chamado de estável, o qual coincide com a ocorrência, na fala da criança, de pausas, reformulações, correções provocadas pela reação do interlocutor e autocorreções. Essas reformulações, correções e autocorreções acontecem sob a forma de substituições, o que significa que elas também remetem aos processos metafóricos e metonímicos que implicam o reconhecimento da diferença entre a unidade a ser substituída e aquela que vem substituir. Tal posição representa um deslocamento do falante em relação à sua própria fala e à fala do outro. Aqui, os processos metafóricos e metonímicos regem as relações entre fala e escuta, instâncias subjetivas distintas, que permitem à criança, enquanto sujeito falante, dividir-se entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la e reconhecer a diferença entre sua fala e a fala do outro (DE LEMOS, 1997; 1999a; 1999b).

Para ilustrar melhor essa posição, descreveremos um episódio utilizado pela própria autora em seus artigos (1999a; 2002).

Episódio 3 (Uma amiga (T.) da mãe da criança riscou no chão quadros para C. e ela brincarem de amarelinha, mas estava faltando um dos quadros).

1. C.: *Quase que* você não fez a amarelinha.
2. T.: O que, Verrô?
3. C.: *Faz tempo que* você não faz amarelinha sua
4. T.: O que, Verrô? Eu não entendi.
5. C.: *Está faltando* quadro na amarelinha sua.

(Verônica 4;0.8)

Neste episódio, o erro pode ser observado no enunciado da criança, como na 1ª e 2ª linhas, mas a reação do interlocutor (T.) a ele é reconhecida pela criança, desencadeando tentativas de correção e reformulação, característica marcante da terceira posição. Como mencionamos anteriormente, de acordo com De Lemos (1997) essas reformulações e correções ocorrem, *sob a forma de substituição*, o que indica que há relações com os processos metafóricos e metonímicos.

“A substituição de *quase que* por *faz tempo que* e, finalmente, pela expressão adequada está faltando, mostra que essa escuta repercute sobre o que ela escuta de sua própria fala” (DE LEMOS, 1999a, p. 11).

É a partir da posição descrita acima que a criança é capaz de retomar e reformular sua própria fala, assim como de perceber seus erros, realizando auto-correções.

Segundo Lier De-Vitto (1997), pesquisadores que estudaram os monólogos da criança acreditam que os dados, interpretados como autocorreções e reformulações, sinalizam o desenvolvimento dos comportamentos metalinguísticos. Assim, “essas habilidades metalinguísticas explicitariam, no campo da aquisição da linguagem, o momento em que a criança começa a tomar consciência da inadequação de sua fala e a corrigir-se” (Ibidem: 28).

Nessa posição, existe um movimento de assemelhamento à fala do outro, à medida que há um deslocamento do falante em relação à sua fala e à fala do outro (DE LEMOS, 1997). Assim, de acordo com De Lemos (2002), *o pólo dominante é a relação do sujeito com a própria fala*.

De acordo com os estudos realizados por De Lemos (1999a, 1999b), essas três posições de falante apresentadas mesmo se manifestando no tempo cronológico, a mudança de uma para outra não implica em desenvolvimento e sim em uma mudança estrutural do ponto de vista linguístico e subjetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões e discussões apresentadas, podemos constatar que o estudo acerca dos processos metafóricos e metonímicos tem sido realizado em duas grandes áreas do saber, a lingüística e a Psicanálise. Assim, De Lemos mobilizada por essas duas grandes áreas do saber, particularmente pela releitura de Saussure e Jakobson e pela leitura de Lacan, buscou estudar esses processos para entender as mudanças na relação da criança com a língua no processo de aquisição da linguagem. No entanto, como vimos ao longo do trabalho, nos próprios textos da autora não há um estudo aprofundado acerca da contribuição que as releituras de Saussure e Jakobson e leitura de Lacan favoreceu aos seus estudos sobre os processos metafóricos e metonímicos.

Em virtude disso, realizarmos uma leitura de Saussure, Jakobson e Lacan e descrevermos suas idéias e noções subjacentes aos processos metafóricos e metonímicos, para um melhor entendimento acerca desses processos, os quais são apropriados por De Lemos para analisar os fragmentos discursivos referentes à fala da criança em processo de aquisição de linguagem.

Assim, De Lemos considerou as mudanças de posição da criança enquanto falante como resultantes dos processos metafóricos e metonímicos e o processo de aquisição da linguagem foi então definido pela mudança de posição da criança em uma estrutura, que tem como pontos característicos o outro, a língua e o próprio sujeito. Logo, essa mudança de posição da criança apresenta um lugar primordial na aquisição da linguagem.

Podemos considerar que, nessa perspectiva, ao estudar a aquisição da linguagem ao invés de se falar em desenvolvimento seria mais adequado referir a mudança de posição da criança em sua relação com a língua.

REFERÊNCIAS

DE LEMOS, Cláudia. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, vol. 1, no. 1, p. 121-136, 1992.

_____. Língua e Discurso na Teorização sobre aquisição de Linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.

_____. Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. In: SIMPÓSIO THE TRENTO LECTURES AND WORKSHOP ON METAPHOR AND ANALOGU, 1997, em Trento, Itália. São Paulo, 1997, p. 1 - 16.

_____. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO: ABORDAGENS HISTÓRICOS CULTURAIS, *Anais...* 1999a, p. 1 - 20.

_____. Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição de linguagem. In: PESQUISA CIENTÍFICA, 1999, São Paulo. Relatório Científico apresentado ao CNPq. São Paulo, p. 1999b, p. 1-27.

_____. O erro como desafio empírico a abordagens cognitivistas do uso da linguagem: o caso da aquisição de linguagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PRAGMÁTICA, 7., 2000, Budapeste. Hungria, [s.d.], São Paulo. p. 1 - 19.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 42, p.41-69, 2002.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

JAKOBSON, Roman. "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias". In: JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1985. p.34-62.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Versão brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998, p. 496-533.

_____. Metáfora e metonímia (I): “ Sa Gerbe n’était point avaré, ni haineuse”. In: _____. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Tradução Aluísio Menezes, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 244- 252.

LACAN, Jacques. Metáfora e metonímia (II): Articulação significativa e transferência de significado. In: _____. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Tradução Aluísio Menezes, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 253-262.

LIER DE-VITTO, Maria Francisca. Subjetividade e linguagem: um olhar sobre a psicologia do desenvolvimento e a aquisição de linguagem. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.9, n.1, p. 21-33, dez.1997.

SAUSSURE, Ferdinand. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: _____. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini et al, 20ª ed., São Paulo: Cultrix 1995.